

### ***Lisboa, uma cidade com história***

O povoamento da região onde se situa Lisboa tem raízes pré-históricas. Como o país, as suas gentes resultaram da miscigenação dos muitos povos que por cá passaram e se estabeleceram, alguns secularmente, o que foi facilitado pela sua privilegiada localização geográfica e permanente abertura ao mar. A cidade continua a ser um testemunho vivo de alguns desses momentos mais significativos. A presença romana na *Felicitas Julia Olissipo* de então continua visível no Teatro de Nero, perto da Sé, ou nas termas da Rua da Prata. Mesmo que a *Aschbouna* muçulmana não nos tenha deixado muitos vestígios materiais, o complexo traçado do Bairro de Alfama e alguns dos seus pormenores arquitectónicos não deixam de ter a sua inspiração no urbanismo do Norte de África, a par de alguns traços da nossa identidade.

Novamente cristã, e já formado o Reino de Portugal, o espírito da Lisboa medieval está bem presente na mole imensa da Sé Catedral, onde o aspecto pesado de fortaleza românica se combina harmoniosamente com a luminosidade e a verticalidade típicas do gótico. O Castelo, embora assente em fortificações anteriores, evoca a conquista de Lisboa (1147) e, numa das suas portas, Martim Moniz transfigurou-se em mito. Alguns trechos das muralhas defensivas, da Cerca Moura à Cerca Fernandina, demarcando o crescimento da cidade, pertencem, igualmente, ao período medievo e testemunharam abundantes cercos, um dos mais dramáticos em 1384, lutava o Mestre de Avis pela coroa portuguesa. No seu interior, Judeus e Mouros tinham os seus bairros e algumas imunidades, depois perdidas. D. Afonso III transferiu para ela a corte, em 1255, elevando-a a capital. Foi aqui que D. Dinis criou o Estudo Geral (1290), embrião longínquo da Universidade de Lisboa. A Rua das Escolas Gerais, entre Alfama e S. Vicente, via tortuosa de passagem do famoso 28 da Carris, ainda hoje lhe evoca a memória.

A vitalidade comercial do período da expansão marítima promoveu o crescimento da cidade para fora das muralhas, descentrou-a da colina para o Rio e trouxe o bulício humano para a área entre o Rossio e o Terreiro do Paço. Aqui o labor era intenso, dos estaleiros da Ribeira das Naus à Alfândega. Alguns dos grandes edifícios de então não chegaram até nós, como o Paço da Ribeira, destruído pelo Terramoto, e o Hospital Real de Todos os Santos, vítima de um dos muitos incêndios que atingiram a cidade, mas o espírito do tempo está bem expresso no exotismo da decoração manuelina, presente em edifícios da baixa, como a Conceição Velha e a Casa dos Bicos. Os exemplares mais representativos encontram-se, no entanto, já

na periferia da cidade: o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém. É também no século XVI que a cidade se estende para o Bairro Alto, já com um traçado mais regular, onde, nos séculos seguintes, se estabelece a fidalguia. Erguem-se na cidade, entretanto, numerosos palácios, conventos e igrejas, em alguns casos majestosas como a de S. Vicente de Fora.

O ouro do Brasil torna mais sumptuosos os edifícios. Um dos melhores exemplos desta ostentação barroca é o interior da Igreja de S. Roque, à Rua da Misericórdia. Uma das obras mais características do período de D. João V é, no entanto, o monumental aqueduto das Águas Livres, destinado a trazer a água de Belas e de Queluz, ainda hoje um dos *ex libris* de Lisboa. A dramática devastação provocada pelo terramoto do dia 1 de Novembro de 1755, e pelo incêndio que se lhe seguiu, criou, paradoxalmente, condições para uma ampla renovação da baixa lisboeta, agora segundo as novas perspectivas racionalistas inspiradas no iluminismo. A majestosa estátua equestre de D. José, na renovada Praça do Comércio (antigo Terreiro do Paço), foi inaugurada em 1775, vinte anos depois da tragédia.

O final do século XVIII é um período de grande dinamismo urbano, tendo sido construídos edifícios como o Teatro Nacional de S. Carlos ou a Basílica da Estrela e criados bairros, ainda hoje com o seu charme, como a Lapa e a Estrela. É aberto o prazenteiro Passeio Público, local privilegiado de lazer para as elites oitocentistas e referência importante da literatura da época. Perto de meados do século XIX é de assinalar a inauguração do Teatro Nacional D. Maria II no Rossio. Surgem novos equipamentos urbanos, como os jardins do Príncipe Real ou de S. Pedro de Alcântara. Já na década de 80 é inaugurado o novo edifício da Câmara Municipal, tornado icónico, anos mais tarde, pela proclamação da República a partir dos seus terraços. No mesmo terreno, o da vida política, registre-se, ainda, o restauro do antigo Convento de S. Bento, transformado em Palácio das Cortes. No final dos anos 90 é inaugurado o Coliseu dos Recreios, ainda hoje uma das mais carismáticas salas de espectáculos de Lisboa.

No conjunto, as décadas finais do século assistem a uma verdadeira revolução urbanística, acompanhando a expansão da cidade para Norte a partir de dois eixos: o da Avenida da Liberdade e o da Avenida Rainha D. Amélia (futura Almirante Reis). A Avenida da Liberdade é inaugurada em 1886, sob os escombros do Passeio Público, encimada pelo Parque da Liberdade (mais tarde, Eduardo VII). A partir do início do século XX vão sendo abertas as chamadas Avenidas Novas, zonas prestigiadas de habitação. Entretanto, vão nascendo alguns dos mais típicos bairros da Lisboa contemporânea, como Campolide, Campo de Ourique e Estefânia. O processo de industrialização, ainda que tímido e tardio, traz vagas de

migrantes internos para a periferia da cidade e conduz ao aparecimento de bairros operários, como a Vila Bagatela das Amoreiras.

A evolução dos transportes públicos, no período entre séculos, acompanha essas transformações, com a construção das Estações de Caminho de Ferro de Santa Apolónia e do Rossio, o aparecimento dos elevadores do Lavra, da Glória e da Bica, ainda em funcionamento, e a substituição, já em 1901, dos veículos de tracção animal pelos primeiros carros eléctrico da Companhia Carris de Ferro de Lisboa. No ano seguinte é inaugurado o elevador de Santa Justa, um magnífico exemplar da arquitectura do ferro que então se espalha pela cidade, em quiosques e outros equipamentos urbanos. Estava-se a dobrar o século e a capital possuía, então, cerca de 350.000 habitantes. É na primeira década de novecentos que começam a ser construídos os primeiros edifícios especificamente destinados a Liceus: o Camões, inaugurado logo em 1909, o Passos Manuel e o Pedro Nunes, já em 1911, com a monumentalidade própria de verdadeiros palácios da educação. Dentro do mesmo espírito, é inaugurado em Benfica, em 1918, o novo Edifício da Escola Normal Primária (hoje Escola Superior de Educação). Todos eles mantêm hoje a sua beleza e funcionalidade.

Ao contrário da efémera República, o Estado Novo deixará uma marca muito forte no urbanismo da capital e na sua arquitectura, cujo estilo variará entre o modernismo de alguns dos arquitectos e artistas que o regime, na sua fase inicial, conseguiu seduzir e a influência arquitectónica dos autoritarismos de então, visível na monumentalidade e austeridade de algumas das suas obras mais marcantes. O grande ideólogo das obras públicas do regime foi o Eng. Duarte Pacheco, por duas vezes Ministro das Obras Públicas e Comunicações (1932-36 e 1938-43), neste último período também Presidente da Câmara de Lisboa. Merecem destaque particular a Exposição do Mundo Português (1940), verdadeiro hino aos mitos da pátria e do império, o campus do Instituto Superior Técnico (inaugurado no ano lectivo de 1936/37), com a adjacente Alameda Afonso Henriques, ou o Parque Florestal de Monsanto, começado a arborizar no início dos anos 40. É nessa mesma década que começa a ser erguido o bairro de Alvalade, tomando como eixo central a Avenida de Roma e tendo a convivência de diferentes grupos sociais como desiderato. A habitação social foi, de resto, uma das apostas do salazarismo, dentro do espírito corporativo que o caracterizava, e teve expressão em bairros como a Encarnação ou o Alto da Serafina, em contraponto a urbanizações de luxo como a do Restelo. A Praça do Areeiro, com a sua emblemática arquitectura de regime, foi também concluída nos anos 40. Na transição dos anos 50 para os anos 60 são inaugurados os primeiros edifícios da Cidade Universitária de Lisboa

(Faculdade de Direito, Faculdade de Letras e Reitoria), antecidos pelo Hospital de Santa Maria.

Obedecendo já a novos padrões arquitectónicos, é ao longo dos anos 60 que é construído o edifício sede da Fundação Calouste Gulbenkian, inaugurado em 1969, bem como o espaço verde envolvente, ainda hoje um oásis de Lisboa. Nas décadas seguintes a Fundação transformou-se, porventura, na mais importante das instituições nacionais devotadas à ciência, à cultura e à arte. No âmbito do programa de renovação do urbanismo lisboeta e da procura de uma melhor qualidade de vida para os habitantes da cidade, merece destaque a construção dos bairros Olivais Norte e Olivais Sul, na passagem dos anos 50 para os anos 60.

No que diz respeito aos transportes urbanos, as referidas décadas finais do regime foram, igualmente, um período de grande dinamismo. O aeroporto da Portela já havia sido inaugurado no início dos anos 40. Em 1958 começam a circular os autocarros da Carris, que gradualmente substituem os tradicionais eléctricos. Em Dezembro do ano seguinte (1959) começa a funcionar o metropolitano de Lisboa, ainda hoje o mais funcional dos transportes da cidade. Em 1966 temos a mediática inauguração da, há muito idealizada, Ponte sobre o Tejo, então baptizada com o nome do ditador e rebaptizada com o 25 de Abril.

Nas décadas finais do século XX e na passagem para o século XXI Lisboa sofreu transformações importantes em sentidos diversos e contraditórios. A cidade cresceu muito, em particular as zonas periféricas, despovoando-se a baixa. Na sua cintura desenvolveram-se cidades muito povoadas, mas pouco estruturadas do ponto de vista urbano. Multiplicaram-se os automóveis, com naturais consequências na dificuldade de circulação, apesar da abertura de novas vias, e de estacionamento. A poluição tornou-se um problema. Os bairros históricos degradaram-se aceleradamente, apesar de algumas manchas de recuperação e de revitalização. Em períodos de menor consciência patrimonial, destruíram-se edifícios de valor e construiu-se, demasiadas vezes, de forma incharacterística e sem qualidade. A preocupação com as zonas verdes foi residual. No entanto, a cidade ganhou uma vasta zona de lazer, na sequência da Expo 98, o Parque das Nações, incluindo um conjunto de equipamentos de incontestável relevância. Foi inaugurada uma nova travessia: a Ponte Vasco da Gama. Lisboa tornou-se mais amiga do seu rio, em zonas como Alcântara e Belém. A vitalidade cultural é incontestável, expressando-se em peças de teatro e espectáculos musicais. A beleza e a magia da cidade mantêm-se, para naturais e forasteiros, apesar das suas mazelas, mas há muito a fazer. Por que caminhos seguirá Lisboa?

*Joaquim Pintassilgo*